

# TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

## Vozes Femininas Negras

ORGANIZADORAS

**Norma Diana Hamilton**

**Alessandra Ramos de Oliveira Harden**



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

EDITORA



**UnB**



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
César Lignelli  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Liliane de Almeida Maia  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcante  
Sely Maria de Souza Costa  
Wilsa Maria Ramos



# **TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:**

Vozes Femininas Negras



ORGANIZADORAS

**NORMA DIANA HAMILTON**

**ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN**



	<b>Equipe editorial</b>
<b>Coordenadora de produção editorial</b>	Marília Carolina de Moraes Florindo
<b>Revisão</b>	Norma Diana Hamilton Alessandra Ramos de Oliveira Harden
<b>Diagramação</b>	Laissa Reis Larissa Brasil
<b>Foto de capa</b>	René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
 Editora Universidade de Brasília  
 SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
 Telefone: (61) 3035-4200  
 Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
 E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
 desta publicação poderá ser armazenada ou  
 reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
 por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
 Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

T763 Tradução como prática de resistência e inclusão : vozes femininas  
 negras / organizadoras Norma Diana Hamilton, Alessandra  
 Ramos de Oliveira Harden. – Brasília : Editora Universidade  
 de Brasília, 2021.  
 228 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-000-8.

1. Escritoras negras. 2. Resistência. 3. Tradução. 4. Interface  
 gênero e raça. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Harden,  
 Alessandra Ramos de Oliveira (org.). III. Série.

CDU 81`25:82

# SUMÁRIO



## **Apresentação** \_\_\_\_\_ 7

Norma Diana Hamilton  
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

## **Literatura feminina negra e tradução: mapeando (in)visibilidades** \_\_\_\_\_ 15

Norma Diana Hamilton  
Gleiton Malta

## **Yvonne Vera: a análise de sua criação de prosa por meio da poesia como aporte para a tradução de seus contos** \_\_\_\_\_ 53

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo

**A escrita caribenha: corações migrantes, memórias e relações** \_\_\_\_\_ 89

Dyhorrani da Silva Beira

**A tradução comentada de “The invention of women”:  
um diálogo com Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez** \_\_\_\_\_ 123

Gardênia Nogueira Lima  
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**A escrita de Conceição Evaristo em uma perspectiva interseccional:  
literatura afro-brasileira em tradução** \_\_\_\_\_ 163

Marcela Iochem Valente

**O corpo feminino negro tradutor: a construção de narrativas  
nacionais na diáspora** \_\_\_\_\_ 191

Valeria Lima de Almeida

**Últimas palavras às(aos) leitoras(es)** \_\_\_\_\_ 225

Norma Diana Hamilton  
Alessandra Ramos de Oliveira Harden



**A ESCRITA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO  
EM UMA PERSPECTIVA  
INTERSECCIONAL:  
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA  
EM TRADUÇÃO**



Marcela Iochem Valente<sup>1</sup>

Ao pensarmos sobre literatura afro-brasileira em tradução, somos imediatamente levados aos nomes de Carolina Maria de Jesus, considerada a primeira escritora afro-brasileira traduzida para mais de dez línguas, em mais de quarenta países, e Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira contemporânea que já foi traduzida para diferentes idiomas como inglês, francês, árabe, alemão, italiano, alcançando considerável visibilidade no Brasil e no exterior.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do setor de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, Estudos de Língua; na Pós-graduação *Lato Sensu* em Linguística Aplicada: Inglês como Língua Estrangeira; e no Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César. É autora do livro *Lorraine Hansberry & A Raisin in the Sun: challenges and trends presented by an African-American play* (2010) e organizadora do livro *Subversive Voices Breaking Silences: questions of identity and otherness in English language literatures* (2012). E-mail: marcellaiv@ig.com.br.

Estudos sobre literatura brasileira em tradução indicam que a nossa literatura e cultura ocupam uma posição periférica em inúmeros polissistemas<sup>2</sup> de recepção, incluindo os de língua inglesa e francesa, por exemplo. Mesmo com o crescimento dos incentivos no sentido de levar a literatura brasileira a outras línguas e sistemas literários como, por exemplo, o *Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*, da Fundação Biblioteca Nacional, o número de obras traduzidas permanece bastante reduzido, e o estudo dessas traduções se mostra também raro. No que diz respeito às literaturas que ocupam uma posição periférica em nosso polissistema literário, como a literatura afro-brasileira, o número é ainda mais reduzido.

Em sua tese de doutorado, desenvolvida na Universidade de Massachusetts, com o título *Brazilian Women Writers in English: translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado* (em tradução livre, “Escritoras brasileiras em inglês: tradução de cultura e gênero nas obras de Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus e Ana Maria Machado”), Lilian Feitosa (2008) apresenta um levantamento das traduções de obras da literatura brasileira, produzidas por homens e mulheres, e publicadas em língua inglesa, a partir do exame da história literária brasileira e de listas oficiais de autores brasileiros fornecidas pela Biblioteca Nacional e pelo Ministério da Cultura do Brasil. Além do levantamento, Feitosa utiliza ainda três estudos antecessores à sua pesquisa: a tese de doutorado *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation* (“A imagem virtual: a literatura brasileira em tradução para a língua inglesa”), de Heloisa Gonçalves Barbosa (1994); a dissertação de mestrado *Identidades Refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*, de Maria Lúcia Santos Daflon Gomes (2005) e a tese de doutorado de Carla Melibeu Bentes (2005), intitulada *Clifford Landers – tradutor do Brasil*.

---

<sup>2</sup> Sobre a Teoria dos Polissistemas, ver VALENTE (2013).

Feitosa, no âmbito de sua pesquisa, aponta que “os resultados obtidos ao final da coleta de dados em 21 de março de 2007 apresentam um total de 12.931 autores: 10.618 homens (82%) e 2.313 mulheres (18%)” (2008, p. 83). Isso que mostra um número bastante pequeno de obras traduzidas e menor ainda de traduções de obras provenientes de grupos vistos como historicamente excluídos, como mulheres e afrodescendentes e, ainda, no caso específico do estudo de Feitosa, de literatura infantil. Feitosa destaca ainda o desequilíbrio comercial existente entre as indústrias editoriais britânicas e estadunidenses, e suas contrapartes estrangeiras trazendo o fato de que, em 1987, de acordo com a UNESCO, 1.500 traduções do inglês foram trazidas para o Brasil, enquanto apenas quatorze obras da literatura brasileira foram levadas pelos editores britânicos e estadunidenses para serem publicadas em língua inglesa (p. 24).

Segundo Dawn Duke (2008), as obras literárias de autoria negra no Brasil continuam marcadamente ignoradas, com exceção de um número de leitores limitado formado por militantes dos movimentos negros ou especialistas da área. Em sua busca por obras da escritora afro-brasileira contemporânea Esmeralda Ribeiro em livrarias de São Paulo, Duke observou que não se encontravam à venda em parte alguma. Para a autora, esse fato acentua as dificuldades enfrentadas por uma escritora como Ribeiro, que tem como tema central de suas obras o racismo. É possível dizer o mesmo de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e outros escritores afro-brasileiros, de um modo mais amplo.

Embora a constatação de Duke tenha ocorrido há mais de uma década, o cenário atual não é muito diferente. A literatura de escritores que trazem uma dissonância no tocante à História do Brasil e ao lugar da mulher negra na história e na literatura nacionais muitas vezes é produzida de forma independente e externa às grandes editoras brasileiras. Duke acredita que esse aparente desinteresse pela literatura de Ribeiro, assim como de outras escritoras afro-brasileiras, seja uma forma de discriminação institucional ou um silenciamento, segundo ela, visto que

se trata de obras que inevitavelmente abordam questões relacionadas às vivências dessas mulheres (DUKE, 2008, p. 1). Porém,

[...] sob o manto de um silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da produção literária, pois o país plural se manifesta no entrechoque das ideias e nos intercâmbios de pontos de vista. (CUTI, 2010, p.13).

A publicação e o processo de inserção de tais obras em outros polissistemas literários por via da tradução podem influenciar a imagem da literatura e da cultura brasileira nesses contextos, permitindo o questionamento e a (des)construção de crenças, estereótipos e imagens criadas pelas poucas traduções disponíveis, majoritariamente de obras literárias canônicas, presentes nesses sistemas até então. Segundo Cuti,

[...] certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. (CUTI, 2010, p.13).

Dessa maneira, quando rompe barreiras nacionais pela tradução, a literatura ajuda a romper com a mordaza em maior escala, suscitando inevitáveis questionamentos e (des)construindo hierarquias congênicas e imaginários coletivos. Assim, o presente trabalho tem como objetivo pensar a escrita de Conceição Evaristo em tradução, a partir de uma perspectiva interseccional, destacando a importância da tradução de suas obras para diferentes línguas, quebrando silêncios na historiografia literária canônica e questionando cânones, estereótipos e histórias em uma escrita fortemente marcada por seu lugar de fala e por sua escrevivência.

## LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: CONCEIÇÃO EVARISTO EM FOCO

A interseccionalidade, considerada um conceito, uma teoria, ou ainda ferramenta crítico-política e teórica, busca desvelar e compreender processos de interação entre diversas estruturas de poder, decorrentes de diferentes formas de dominação ou discriminação. Segundo Carla Akoti-  
rene (2018, p. 14), a interseccionalidade “visa dar instrumentalidade teórica-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis-hétero-patriarcado”. Kimberlé Crenshaw, por sua vez, afirma que

[...] a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p.177).

Crenshaw, em diversos estudos, volta o seu foco de análise para as interseções de gênero e raça, buscando ressaltar que mulheres brancas e não brancas sofrem diferentes tipos de opressão. Porém, outros aspectos podem e devem ser levados em consideração nos estudos interseccionais como, por exemplo, a questão da classe social; o fato de o sujeito ser imigrante ou não e como essas categorias se articulam e interagem umas com as outras. A autora argumenta que,

[...] raça e gênero são dois dos principais locais para a distribuição de recursos sociais específicos que acabam por ressaltar diferenças sociais observáveis. E, uma vez parte de uma classe econômica mais baixa, estruturas de raça e gênero continuam a moldar as maneiras particulares pelas quais as mulheres de cor experimentam a pobreza em relação a outros grupos. (CRENSHAW, 1991, p.1244).

É válido lembrar que o ponto destacado por Crenshaw, embora de extrema importância até os dias atuais, tem sido um tema nevrálgico e de grande destaque nas discussões feministas. Ganhou especial força a partir da década de 1970, quando o movimento conhecido como Feminismo Negro (*Black Feminism*) questionou de maneira contundente a agenda do movimento feminista branco, de classe média, heteronormativo, argumentando que muitas das questões vividas pelas mulheres negras não estavam em pauta nas discussões do Movimento Feminista das linhas centrais (*mainstream*), que passava por uma expansão. Esse era um movimento “branco e preocupado com outras reivindicações, como o direito ao corpo, à igualdade política e de salários, entre questões e interesses que não se referiam necessariamente às mulheres não brancas” (VEIGA, 2020, p.7).

Em *Lugar de Fala*, Djamila Ribeiro (2019, p. 33) discute, entre outras questões, a posição da mulher negra como “o outro do outro”. A partir da articulação com as ideias de Simone de Beauvoir, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins e Sueli Carneiro, Ribeiro argumenta que “mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade suprematista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (2019, p. 38). Desse modo, embora homens negros também sejam vítimas do racismo por estarem abaixo de homens e mulheres brancas na pirâmide social, mulheres negras acabam por sofrer mais camadas de opressão, incluindo aquela exercida pelo homem negro. Segundo Gayatri Spivak (1997, p. 28), o sujeito feminino precisa lidar com múltiplas camadas de opressão e desigualdade, que inclui não apenas toda a dominação existente por parte do colonizador e dos sujeitos em uma posição mais central e hegemônica, mas a que decorre do sujeito subalterno masculino.

Ribeiro apresenta o conceito de *outsider within*, em tradução livre proposta pela autora – “forasteira de dentro” –, discutido por Patricia Hill Collins (2016), a fim de problematizar o lugar da mulher negra nesse movi-

mento feminista que, como já argumentamos, não a contemplava. Segundo Collins, *outsider within* seria a posição social ou os espaços de fronteira ocupados por grupos com poder desigual. Ela postula ainda a necessidade de os sujeitos nessa condição aprenderem a tirar proveito desse lugar de *outsider*, pois esse espaço pode proporcionar um ponto de vista diferenciado e mais amplo, para além do situado no *mainstream*. Nessa linha, de acordo com Ribeiro, a partir desse lugar de fala de forasteiras de dentro e em uma perspectiva interseccional, mulheres negras se propuseram a pensar novas formas de sociabilidade em vez de manterem o foco nas opressões estruturais de modo isolado (RIBEIRO, 2019, p.46). Nesse contexto,

[...] a mulher negra, dentro do movimento feminista ocupa esse lugar de “forasteira de dentro”, por ser feminista, e pleitear o lugar da mulher negra como sujeito político, mas ao mesmo tempo ser “uma de fora” pela maneira como é vista e tratada dentro do seio do próprio movimento, a começar pelo modo pelo qual as reivindicações do movimento feminista foram feitas, crítica que também se estende quando falamos da teoria feminista. (RIBEIRO, 2019, p.44-45).

Embora o nosso objetivo aqui seja discutir questões de interseccionalidade relacionadas ao universo feminino afrodiaspórico, cabe mencionar que o conceito de interseccionalidade tem sido vastamente utilizado em diferentes âmbitos, como em áreas voltadas a cidadania e múltiplas noções de pertencimento (*belonging*) (CHRISTENSEN, 2009); educação e contextos escolares (KOFOED, 2008); publicidade (GILL, 2009), e masculinidades e interseccionalidades (MIESCHER, 2008), apenas para citar algumas.

Em resumo, e considerando a existência da aplicação mais ampla do conceito, é possível dizer que

[...] a interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que operam a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais. (BILGE, 2009, p. 70).

Dessa maneira, podemos dizer que a interseccionalidade se mostra como instrumento de luta política que busca subverter sistemas de opressão múltiplos e imbricados. Para Patricia Hill Collins, a interseccionalidade pode ser vista tanto como uma arma política quanto como um projeto de conhecimento em prol da justiça social (COLLINS, 2014; HIRATA, 2014, p.69).

Nesse contexto, busca-se compreender a complexidade da dinâmica de dominação social, tentando desvelar a maneira como normas, valores, discursos e ideologias agem na constituição de identidades e estruturas sociais, procurando também subverter eixos de subordinação que se apresentam de modo simultâneo na vida de alguns sujeitos que não se encontram em posições centrais e hegemônicas. Ademais, como aponta Djamila Ribeiro, “[a]o nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, ‘primazia de uma opressão em relação a outras’” (RIBEIRO, 2019, p.13-14). O objetivo é, então, compreender como cada uma delas se apresenta e se inter-relaciona.

Ao pensarmos a escrita de Conceição Evaristo, somos imediatamente levados a considerar o lugar de fala sempre ressaltado pela escritora: o de mulher negra, de origem humilde, vivendo em uma sociedade em que predominam discursos hegemônicos, eurocêntricos e falocêntricos, apesar da tentativa de se pregar a existência de uma democracia racial no Brasil.

Ou ainda, na voz da própria escritora: “um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2007, p. 20).

A *escrivência* afrodiaspórica de Conceição Evaristo tem forte dimensão ideológica, e sua cuidadosa e elaborada escrita caminha na contramão de discursos hegemônicos, subvertendo as visões tradicionais de gênero, raça e classe, denunciando diferentes formas de opressão, violência e exclusão sofridas pelas mulheres, negras, principalmente as de classes sociais menos favorecidas, em contextos afrodiaspóricos. Por meio de sua escrita engajada, Evaristo evidencia as múltiplas camadas de opressão enfrentadas por sujeitos que vivem, de certa forma, à margem da sociedade hegemônica e patriarcal.

Em sua obra, Evaristo destaca os desafios de se viver em uma zona de interseção, em um entrecruzamento de diferenciações sociais, enfrentando múltiplos níveis de preconceito e injustiça social. Ao examinar a escrita de Evaristo à luz do conceito de interseccionalidade, percebemos que seus complexos e ricos personagens vivem em um constante processo de questionamento, subversão e denúncia de preconceitos e injustiças sociais que surgem a partir da articulação e da interação conjuntural de diferentes categorias de identidade como gênero e raça, os quais podem funcionar como formas de exclusão e marginalização (CRENSHAW, 1991, p.1241).

Conceição Evaristo constrói personagens que vivem cotidianamente em uma posição de subalternidade por conta da cor da pele, dos corpos, dos gêneros, dos sentimentos e desejos. Muitos de seus personagens – que, embora predominantemente femininos, não são apenas mulheres – são obrigados a se encaixar em categorias que não correspondem às suas identidades. Eles se sentem, assim, violados, excluídos ou, em casos mais extremos, perdidos de si mesmos ou mortos. Porém, ao mesmo tempo, mediante suas trajetórias, vivências e sobrevivências, esses personagens trazem consigo denúncia, insubmissão, questionamento e subversão. Hildalia Cordeiro aponta que

[...] a escrita de Evaristo apresenta-se como uma proposta de positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente sempre foram colocadas à margem e quando estavam presentes na literatura canônica eram sempre tratadas com menosprezo, ridicularizadas, condenadas e colocadas no ostracismo. (CORDEIRO, 2015, p.12).

Dentro de tal perspectiva, podemos afirmar que produções literárias que buscam ressaltar as relações interseccionais, seguindo na contra-mão do discurso hegemônico, certamente encontrarão resistências múltiplas à sua publicação e circulação. Isso porque “uma literatura como tal extrapola os intuitos e lugares canônicos a serem destinados, pois se constitui como uma produção que age contrapondo o discurso do autoritarismo literário” (OLIVEIRA, 2014, p.932) e subverte discursos vendidos internacionalmente ao longo da história, como o da democracia racial. Por essa razão, segundo Ribeiro (2019, p. 14), “há a tentativa de deslegitimação da produção intelectual de mulheres negras e/ou latinas, que propõem a descolonização do pensamento”, pois

[...] a voz da ativista não traz somente uma dissonância em relação à história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas. (RIBEIRO, 2019, p.23).

Assim muitas vezes acontece com a literatura afro-brasileira, que, em geral, depende de pequenas editoras e livrarias interessadas em segmentos muito específicos para sua publicação e circulação, como explica a autora:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse certos espaços [...] não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não

poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2019, p.63-64).

Apesar da considerável visibilidade que a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo tem conquistado nos últimos anos, não podemos negar o fato de que sua obra é publicada por pequenas editoras, de segmentos muito específicos e que, por essa razão, ainda encontra circulação consideravelmente limitada, sendo de difícil acesso em grandes e reconhecidas livrarias. Por razões já expostas no presente trabalho, essa ainda é a realidade de grande parte dos escritores que produzem literatura negra no Brasil.

Em matéria publicada por André de Oliveira, no dia 8 de abril de 2019, no jornal *El País Brasil*, há um relato sobre Vagner Amaro e sua tentativa de formar um acervo de literatura contemporânea de autoria negra na biblioteca em que trabalhava. Amaro identificou a grande escassez do material desse segmento no circuito comercial de livrarias e editoras no ano de 2013. Persistindo na empreitada, no ano de 2015, Amaro tomou conhecimento de que até mesmo escritores premiados nesse segmento literário viam parte significativa de sua produção fora das prateleiras e catálogos. Esse era o caso de Conceição Evaristo, naquele momento recém-premiada com o prestigiado Jabuti por sua coletânea de contos *Olhos d'Água* (2015). Diante da invisibilidade da produção literária de autoras e autores negros, Amaro fundou a Malê “uma pequena editora carioca voltada para publicação de literatura de autoria negra” (OLIVEIRA, 2019). Apesar de editoras como a Malê, a Nandyala, a Mazza, a Unipalmares, a Pallas, entre outras, voltadas para esse ramo específico da literatura, há estudos que comprovam numericamente que essa falta de representatividade observada por Amaro é uma realidade.

Oliveira cita em seu texto a pesquisa conduzida por Regina Dalcastagnè (2005), cujos dados revelam que, entre 2004 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados no Brasil eram não brancos. No mesmo recorte temporal, apenas 6,9% dos personagens presentes nos romances eram negros, e 4,5% deles eram protagonistas da história. Dalcastagnè (2005, p. 41-42) informa ainda que, entre 1990 e 2004, as principais ocupações dos personagens negros na literatura publicada eram: bandido, contraventor, empregado doméstico, escravo, dona de casa e profissional do sexo. O estudo confirma a dificuldade ressaltada por Amaro e enfrentada por escritores negros que buscam ter suas produções literárias publicadas em nosso país, porém encontram considerável dificuldade para tal. Vale observar também que, uma década depois de terem sido relatados, os obstáculos encontrados por Dawn Duke em sua busca por obras de Esmeralda Ribeiro em livrarias da cidade de São Paulo no ano de 2008 ainda se repetem no tocante à literatura afro-brasileira em termos mais gerais. Segundo Amaro, em fala registrada por Oliveira (2019),

[...] com raras exceções, o século XX foi de negação da literatura de autoria negra, uma realidade que apenas começou a se modificar com o movimento negro do final dos anos 1970 e a publicação dos Cadernos Negros [publicação anual, lançada em 1978, que reúne contos e poesias de autores afro-brasileiros], que serviram de base para a Malê. (OLIVEIRA, 2019, n.p.).

É importante ressaltar, porém, que, apesar de as pequenas editoras se mostrarem como a única possibilidade de espaço para grande parte dos escritores desse segmento, elas podem representar, para outros, uma escolha de cunho ideológico. Conceição Evaristo argumenta que, a despeito do fato de a publicação e a circulação de suas obras serem muito mais difíceis quando feitas em parceria com editoras pequenas, essa é, no seu caso, também uma opção ideológica, visto que ela busca “trabalhar com editoras que estão tentando entrar no universo editorial com temas tão específicos” (EVARISTO, 2019). Essa relação é explicada pela própria autora:

Eu tenho o compromisso de prestigiar essas editoras. Minha opção por eles também é próxima do que eu acredito e luto, mas, além de ser uma opção, as grandes editoras buscam nomes conhecidos, não estão interessadas em trabalhar com nomes não conhecidos, e não há muito interesse por escritoras negras brasileiras. Então, além de ser uma opção, é também uma impossibilidade de estar junto a essas grandes editoras. Não sei se uma editora maior me chamaria, a não ser que me descobrisse como um objeto potencial para venda. E falo sem modéstia nenhuma: eu sou um objeto potencial para venda porque saio do lugar comum, há uma curiosidade em termos uma escritora negra, até pra ver: “será que ela escreve mesmo?” Então essas editoras também são bobas. (EVARISTO, 2019, n.p.).

Além da questão da falta de interesse das grandes editoras pela literatura de autoria negra e dos fatores ideológicos envolvidos, como destaca Evaristo, Amaro indica outros aspectos a se considerar. Ainda no artigo de Oliveira (2019), ele afirma que editoras de seguimentos específicos acabam por ter um olhar diferenciado em relação às publicações que lançam, não só ampliando a pluralidade no mercado editorial, mas também apresentando uma agenda de autorrepresentação, inclusão e subversão:

Uma editora voltada exclusivamente para autores negros e negras vai colaborar trazendo para o repertório literário outras perspectivas e sensibilidades. Ao ampliar a pluralidade no mercado editorial, você amplia o interesse e quantidade de leitores e combate o epistemicídio, o racismo religioso, os ranços do racismo científico, a invisibilização da intelectualidade negra, além de colaborar com a autoconfiança intelectual de jovens negros que tiverem acesso aos nossos livros. Também é importante, claro, a difusão de um discurso, que não é novo, mas que ganha cada vez mais ressonância, da importância da equidade racial para o desenvolvimento do país, que não vai avançar enquanto não enfrentar com seriedade o racismo estrutural. (OLIVEIRA, 2019, n.p.).

O primeiro romance de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003 por uma editora mineira de pequeno porte, a Mazza, e teve uma tiragem experimental de apenas mil exemplares, custeados pela escritora (VALENTE; CARNEIRO, 2017). Posteriormente, já por conta da editora, houve uma nova tiragem de cinco mil exemplares do livro e uma reimpressão de outros dez mil por conta da indicação da obra como leitura obrigatória para vestibulares de instituições mineiras como a UFMG e o CEFET Minas. Em 2017, a Pallas, uma pequena editora no Rio de Janeiro interessada em literatura afrodiaspórica, publicou uma nova edição de *Ponciá*.

Evaristo também é autora dos romances *Becos da memória* – publicado em 2006 pela Mazza, em 2013 pela editora Mulheres e em 2017 pela Pallas – e *Canção para ninar menino grande*, publicado em 2018 pela editora Unipalmars. Além dos romances, Evaristo lançou três coletâneas de contos: *Insubmissas lágrimas de mulheres*, pela Nandyala em 2011 e pela Malê 2016; *Olhos d'água*, pela Pallas em 2015, e *Histórias de leves enganar e pareências*, pela Malê em 2016. Uma coletânea intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos* também compõe a produção de Evaristo, com publicação pela Nandyala em 2008 e pela Malê em 2017. Por último, mas não menos importante, a autora também tem poemas e contos na série *Cadernos Negros*, além de ensaios e textos acadêmicos publicados em diferentes veículos.

Em outubro de 2019, no evento de lançamento da edição bilíngue de *Poeme de la mémoire et autres mouvements*, que aconteceu na Maison de France – Consulado Geral da França, no Rio de Janeiro –, Evaristo sinalizou a existência de outros dois romances, em andamento, ambos já prometidos às editoras que vêm publicando as suas obras. A escritora promete lançar em breve, pela Pallas, de Cristina Warth, o livro *Flores de Mulungu*; afirma também ter iniciado, para a editora Malê, de Vagner Amaro, livro com o provável título de *O pranto silencioso dos homens*.

## CONCEIÇÃO EVARISTO EM TRADUÇÃO: QUESTIONAMENTOS E SUBVERSÃO ALÉM DAS BARREIRAS NACIONAIS

É importante destacar que, diferentemente da maioria dos escritores que não se encontram em uma posição central em seus polissistemas literários, Evaristo já foi traduzida para idiomas como o inglês, o francês, o alemão, o italiano e o árabe, encontrando-se presente em antologias publicadas em diversos países como os Estados Unidos, Angola, Inglaterra, França, Alemanha e África do Sul. Apesar da circulação da sua obra no Brasil ser ainda significativamente limitada por conta das pequenas editoras pelas quais publica, Evaristo vem rompendo barreiras nacionais por meio de suas traduções.

*Ponciá Vicêncio* conta com três traduções publicadas: uma para a língua inglesa, realizada por Paloma Martinez-Cruz e lançada pela editora Host em 2007, outra para o francês, com tradução de Paula Anacaona e Patrick Louis, pela editora Anacaona, lançada em 2015 no Salão Internacional do Livro em Paris, e uma para o árabe, publicada em 2020. Seu segundo romance, *Becos da Memória*, também ganhou vida no contexto francófono pela mesma tradutora e editora em 2016, além da publicação em árabe em 2020. A coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* foi lançada na língua francesa, em dezembro de 2017, também pela Anacaona, mais uma vez com tradução de Paula Anacaona. Por fim, a coletânea *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* se apresenta como a mais recente obra traduzida de Evaristo, ganhando vida em francês pelas mãos de Rose Mary Osorio e Pierre Grouix, e publicado pela editora Des Femmes-Antoinette Fouque, em 2019. Embora não publicado em forma de livro, *Olhos d'Água* foi traduzido para o italiano e disponibilizado na dissertação de mestrado de Alessandra Saramin, defendida em 2019.

Paula Anacaona, tradutora e proprietária da editora que traduziu três livros de Evaristo para o contexto francófono, destaca o papel político e social da literatura, que, para ela, pode romper barreiras nacionais pela tradução. Segundo Anacaona, com a tradução, diferentes aspectos ineren-

tes a diferentes culturas podem conversar entre si, o que possibilita uma forma de luta, principalmente em contextos marginais, descentrados:

Há contatos entre as periferias da França e do Brasil. O sentimento de exclusão é igual em todo o mundo, por mais que as reações às vezes sejam diferentes. A luta que a literatura marginal brasileira faz para que jovens não entrem no tráfico de drogas, aqui pode ser para que eles não entrem em guerras santas, o que está acontecendo muito. (ANACAONA *apud* CASARIN, 2015, n.p.).

Nesse contexto, produções literárias como a de Conceição Evaristo transcendem a estética e a qualidade literária, suscitando importantes discussões e assumindo um papel de relevância em no âmbito das mudanças sociais. Como aponta a escritora, a arte pode aproximar os diferentes em sua igualdade e pode convocar e congrega, independentemente das experiências específicas.

O que me chama muito a atenção é como que um texto criado através de uma vivência tão específica [...] também convoca um público francês [...] Eu acho que a literatura tem que ter o poder de convocação independente das experiências específicas. Se uma autora indiana me convoca, se uma autora francesa me convoca através de seu texto, se uma escritora moçambicana me convoca [...] então pensar que o meu texto literário que é criado aqui no Brasil sob a perspectiva da minha experiência como mulher negra pode convocar as demais pessoas [...] significa que a arte, que a literatura vale a pena. E que talvez a função da arte, principalmente pra nós que estamos vivendo em um momento tão árido na sociedade brasileira, e também pro mundo onde se perdeu essa noção de humanidade, de respeito com o outro, eu acho que uma literatura que convoque, que congregue, é uma literatura que cumpre a função de aproximar os diferentes em sua igualdade. (EVARISTO, 2019, n.p.).

Comparando-a à escritora Toni Morrison nos Estados Unidos, Anacona (2014) afirma que “o trabalho de Conceição Evaristo é um exemplo perfeito de como a literatura pode ajudar a compreender melhor um país e a luta de um povo por reconhecimento”. (ANACAONA, 2014,). Nesse contexto, eu acrescentaria as palavras de Djamila Ribeiro, para quem, “[A] o promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal” (2019, p.60). Sendo assim, quando escritoras como Evaristo são lidas em outros países, histórias e imagens culturais são reescritas, com a inserção de novas vozes e olhares, o que torna possível subverter “o perigo de uma história única” (ADICHIE, 2009), geralmente contada a partir de olhares dominantes.

## LITERATURA FEMININA DE AUTORIA NEGRA: ENFIM...NÓS<sup>3</sup>

Aqui, voltamos brevemente o nosso olhar para a trajetória de Evaristo. Nascida em lar humilde, na favela do Pendura Saia em Belo Horizonte, em 1946, a futura escritora trabalhou, desde muito jovem, nos afazeres domésticos para ajudar no sustento de sua família. Desde cedo, palavras e histórias orais rodeavam o seu dia a dia, apesar de o contato com a palavra escrita ter acontecido apenas na escola, no ensino primário, como ela explica em matéria publicada por Leonardo Cazes:

Não nasci rodeada de livros, mas rodeada de palavras. Havia toda uma herança das culturas africanas de contação de histórias. Minha mãe fazia bonecas de pano ou de capim para mim e minhas irmãs e ia inventando tramas. Ela recolhia livros e revistas e mostrava para nós, mesmo sem saber ler. Víamos as figuras e inventávamos novas histórias. Meu interesse pela literatura nasce daí. (CAZES, 2016, n.p.).

---

<sup>3</sup> Alusão a *Enfim...Nós: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas/ Finally... Us: Contemporary Black Women Writers* (ALVES, 1995, edição bilíngue).

Mesmo em um cenário de pobreza e dificuldades, Evaristo teve acesso à educação formal, aprendeu a ler e tomou gosto pela literatura. Apesar de ter trilhado por algum tempo o caminho percorrido pelas mulheres de sua família, trabalhando como babá, faxineira e vendedora de revistas, o que Evaristo queria mesmo era ser professora. Em busca de seu objetivo, não parou de estudar, fez curso normal em sua cidade natal e, anos mais tarde, após sua mudança para o Rio de Janeiro, prestou concurso: finalmente iniciaria a carreira como professora no ensino fundamental. Dando seguimento aos seus estudos, entre idas e vindas, interrupções e retornos, ingressou no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, sucessivamente, no mestrado em Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no doutorado em Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense. Evaristo revela a Cazes como a escrita se liga à sua história:

Fui uma menina e uma jovem muito curiosa. Eu via as pessoas conquistando coisas e sempre achei que tinha o direito de conquistar também. A escrita foi sendo o lugar de desaguar os meus desejos. E também a tristeza, o sentimento de injustiça que percebia, mas não sabia definir bem. Desde criança me dava angústia ver minha família trabalhando muito e não ter nada. (CAZES, 2016, n.p.).

Além de sua formação acadêmica e expressiva produção crítica e literária, não podemos deixar de citar ao menos alguns dos inúmeros prêmios e homenagens que a escritora recebeu nos últimos anos. É interessante observar que, embora Evaristo não seja considerada uma escritora canônica no polissistema literário brasileiro, ela circula cada vez mais por espaços de prestígio, geralmente destinados a escritores que ocupam posição mais central nesse polissistema. Em 2018, por exemplo, a escritora lançou a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, um território considerado de grande prestígio na literatura brasileira. Apesar de Evaristo não ter obtido sucesso no pleito, houve uma grande comoção por conta de sua candidatura a essa instituição de representação de nacionalidade literá-

ria que, desde a sua fundação em 1897, não teve sequer uma mulher negra eleita como imortal para ocupar uma de suas quarenta cadeiras. Destaca-se, nessa perspectiva, que, proporcionalmente, poucas são as mulheres que ocupam ou já ocuparam tal posição. Outro espaço simbólico de relevância a se mencionar é o prêmio Jabuti, considerado um dos mais importantes do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Evaristo foi contemplada com a honraria em 2015 por seu livro *Olhos d'Água*. Em 2019, recebeu homenagem como personalidade literária do ano pelo mesmo prêmio.

A escrita de Evaristo é marcada por sua experiência de vida e por sua subjetividade de “escritora, poeta, mãe, trabalhadora, mulher oriunda de classes populares, uma mulher que foi forjada” (EVARISTO, 2019, n.p.) e que evidencia, a todo momento em sua produção, o seu lugar de fala, como ela própria afirma: “tudo o que eu escrevo, tanto na literatura quanto na crítica literária, traz a minha marca de uma mulher negra, uma subjetividade de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2019, n.p.). Por meio de sua escrevivência, Evaristo cria personagens fortes, sujeitos de sua própria história, que não são narrados em discursos hegemônicos, mas, ao contrário, fazem uso de suas vozes para contar as próprias histórias. Evaristo aponta que

[...] a autoria de mulheres negras na literatura brasileira traz uma vertente com novas histórias, novos enredos, novos personagens, que na verdade borram a literatura. Essa autoria tem um discurso literário que se distancia do que foi escrito até hoje a nosso respeito. Ela parte de dentro de nossas experiências, somos nós dizendo de nós mesmos, nós como sujeitos de autoria, como sujeitos de temática, criando os nossos próprios enredos. (2017a, n.p.).

Diferentemente de personagens como Gabriela, de Jorge Amado, Rita Baiana e Bertoleza, de Aluísio de Azevedo, entre outras mulheres negras ou mestiças presentes na literatura brasileira, que são faladas, narradas e estereotipadas por olhares dominantes, personagens como Ponciá Vicêncio, Ana Davenga, Maria-Nova, Ditinha, entre tantas outras de Evaristo,

são criadas a partir da perspectiva da mulher negra. Segundo a própria escritora, essa voz entra como uma nova voz na literatura brasileira. Com as histórias dessas personagens, Evaristo levanta questões sociais importantes, denuncia injustiças, problematiza esse lugar de fala.

Um recurso frequentemente empregado quando questões como discriminação racial no Brasil vêm à tona é o silenciamento. Ignorar e omitir as tensões sociais existentes no país, em muitos contextos, pode ainda parecer uma opção desejável. Com isso, a imagem cultural do Brasil, exportada na tradução das obras literárias, pode reforçar a desigualdade social em vez de destacar os conflitos e as vulnerabilidades interseccionais aqui existentes. Nesse sentido, Evaristo argumenta que

[...] o racismo que permeia as instituições brasileiras é muito cruel. Estão no imaginário do brasileiro algumas competências para o sujeito negro. Acredita-se que ele saiba dançar, cantar, e principalmente no caso das mulheres, cozinhar. Mas as competências intelectuais, principalmente as literárias, não. Quando se trata da literatura, talvez porque ela use o maior bem simbólico da nação que é a língua, essa escrita negra não é acreditada. (EVARISTO, 2018a, n.p.).

A escrita de Evaristo narra problemas do cotidiano das mulheres negras e da pobreza de forma rica e repleta de referências culturais. Sua obra lança luz sobre um grupo historicamente excluído no Brasil e questiona os cânones brasileiros. Segundo Araújo (2011, n.p.), “[t]endo sido exposta desde pequena às crueldades do racismo, Conceição tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, além de uma militante que atua dentro e fora dos marcos da academia”. Com sua escrita engajada, Evaristo busca explicitar a desigualdade velada de nossa sociedade, escondida atrás do manto do mito da democracia racial. Revela o histórico de opressão e exclusão enfrentado pelo povo negro brasileiro ao longo de sua história, destacando o racismo velado e o racismo estrutural presentes no país:

Obras como *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, são a prova de que é possível se fazer emergir uma literatura daqueles autores que os livros didáticos ocultam, reafirmando uma História que sempre os omitiu e os embranqueceu. Uma Literatura que os renegou e trouxe os personagens negros encaixados em estereótipos e, na maioria das vezes, mudos e desprovidos, inclusive, do olhar. (ARRUDA, 2007, p. 93).

Dessa forma, pouco a pouco, Evaristo tem se tornado cada vez mais (re)conhecida no Brasil e no exterior. Sua obra, junto à luta do movimento negro, do feminismo negro e dos escritores e escritoras de literatura negra no Brasil, vem questionando e redefinindo a imagem cultural do país. A projeção de sua obra no exterior tem reverberado no Brasil; como consequência, as obras da escritora circulam cada vez mais por espaços antes talvez inimagináveis para autores de pequenas editoras, não incluídos como parte do cânone da literatura nacional. Embora sua empreitada pela cadeira na ABL e pelo título de imortal na academia não tenha alcançado êxito, sem dúvidas a sua trajetória confirma que a imortalidade está além de um simples título na ABL. Sua imortalidade já foi alcançada por meio de sua escrita engajada, de sua trajetória militante e de toda a sua produção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda não seja possível afirmar que, no Brasil, Conceição Evaristo tenha alcançado visibilidade e reconhecimento de mérito, apesar de todos os prêmios recebidos e da trajetória aqui brevemente reportada, é notável o aumento do alcance de sua obra, cada vez mais lida e pesquisada. Nesse sentido, é comum encontrarmos um número expressivo de trabalhos sobre a sua escrita, com predominante enfoque interseccional, com foco mais latente nas intersecções entre gênero e raça.

Evaristo é a segunda escritora afro-brasileira traduzida para outras línguas, sendo Carolina Maria de Jesus a primeira. Sua obra é, atualmente, recebida de forma bastante positiva pelos acadêmicos da área de Letras que

se ocupam de questões como negritude e feminismo, no Brasil e no exterior, sendo de destacada representatividade para o movimento negro no Brasil. Por conta da tradução de sua obra para as línguas inglesa e francesa, Evaristo tem participado de muitos eventos no exterior, onde a recepção se mostra positiva e acalorada. Porém, como questiona Bárbara Araújo,

[...] uma das mais importantes escritoras negras da atualidade não figura nas prateleiras das grandes livrarias no país, tampouco nos grandes manuais de literatura brasileira. Por que será? O que tem a obra de Conceição que a impede de circular amplamente, apesar do prestígio que ela obteve nos meios especializados, nos meios “negros”? (ARAÚJO, 2011, n.p.).

A nosso ver, a pergunta levantada por Araújo está respondida, em parte, no presente trabalho, na discussão da escrituragem afrofeminina de Evaristo, que quebra silêncios e questiona cânones, estereótipos e histórias, assumindo um forte caráter político e ideológico. A resposta também surge no debate sobre o conceito de interseccionalidade e no relato de como as obras literárias pertencentes a esse contexto podem ser subversivas e, por conseguinte, rejeitadas em âmbitos hegemônicos. Parte da resposta pode, ainda, ser observada no breve levantamento das questões editoriais e mercadológicas envolvidas na publicação da obra de Evaristo por pequenas editoras.

Mesmo com considerável dificuldade de circulação, conforme destacado, a obra de Conceição Evaristo é lida e estudada em seu país de origem, e o interesse por sua produção literária tem rompido barreiras nacionais por meio de suas traduções. É através de seus personagens fortes, sujeitos de suas próprias histórias e que narram suas (sobre)vivências a partir de olhares afrofemininos, cheios de referências culturais, que Conceição Evaristo subverte padrões, quebra barreiras e circula por espaços hegemônicos no Brasil e no mundo.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The Danger of a Single Story. *TEDGlobal*. Jul. 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=en](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en)>. Acesso em: 19 mar. 2021.

AKOTIRENE, Carla. *O Que é Interseccionalidade*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

ALVES, Miriam (ed.). *Enfim... Nós: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas / Finally...Us: Contemporary Black Women Writers*. Trad. Carolyn Richards Durham. Colorado Springs, CO: Three continents Press, 1995.

ANACAONA, Paula. *Conexões Itaú Cultural*, 2014. Disponível em: <<http://novo.itaucultural.org.br/canal-video/paula-anacaona-conexoes-2014/>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

ARAÚJO, Bárbara. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. *In: Blogueiras feministas: de olho na web e no mundo*. Postado em: 22 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ARRUDA, Aline A. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 106p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

BARBOSA, Heloisa G. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. 1994. 500p. 2v. Tese (PhD/ Centre for British and Comparative Cultural Studies) – Universidade de Warwick, Reino Unido, 1994.

BENTES, Carla M. *Clifford Landers – tradutor do Brasil*. 2005. 157p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogène*, v. 1, n. 225, 2009. p. 70-88.

CASARIN, Rodrigo. Editora francesa aposta na literatura marginal brasileira. In: *Blog Página Cinco*. Postado em 02 de abril de 2015. Disponível em: <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2015/04/02/editora-francesa-aposta-na-literatura-marginal-brasileira/#comentarios>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CAZES, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’. *O Globo*. 11 de julho de 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CHRISTENSEN, Ann-Dorte. Belonging and Unbelonging from an intersectional perspective. *Gender, Technology and Development*, v.13 (1), p. 21-41, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. Intersectionality: a knowledge project for a decolonizing world? Comunicação no Colóquio Internacional *Intersectionnalité et Colonialité: Débats Contemporains*. Université Paris Diderot, 28 mar. 2014.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com o *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminino negro. *Sociedade e Estado*, v.31, n.1, p.99-127, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CORDEIRO, Hildalia F. C. A escrita negra feminina e lesboafetividade no conto “Isaltina Campo Belo” de Conceição Evaristo. *Anais do IV Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, Salvador: UNEB, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43(6), 1991, p. 1241–1299.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Trad. de Liane Schneider, Ver. Luiza Bairos e Claudia L. Costa. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002, p. 171-188.

CRENSHAW, Kimberlé W. A urgência da interseccionalidade. *TED talk*, 2016. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br)>. Acesso em: 20 apr. 2021.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

DUKE, Dawn. *Literary Passion Ideological Commitment: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vivencia*. Translated by Paloma Martinez-Cruz. Austin: Host Publications, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. *L'histoire de Poncia: La mémoire afro-brésilienne*. Trad. de Paula Anacaona e Patrick Louis. Éditions Anacaona: Paris, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra*. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. 26 maio 2017a. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017c.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. São Paulo: UNIPALMARES, 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos”. [Entrevista concedida a] Juca Guimarães. *Brasil de Fato*, São Paulo, 20 Nov. 2018a. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Insoumises: Un portrait magistral de la fraternité entre femmes noires*. Trad. Paula Anacaona. Paris: Editions Anacaona, 2018b.

EVARISTO, Conceição. *A poética de Conceição Evaristo – evento de lançamento da edição bilíngue de Poeme de la mémoire et autres mouvements*. Maison de France – Consulado Geral da França, Rio de Janeiro. 29 out. 2019.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: a escrita é uma espécie de vingança. *Kdmulheres*. Entrevista em 18 de junho de 2019. Disponível em: <<http://kdmulheres.com.br/conceicao-evaristo-a-escrita-e-uma-especie-de/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

EVARISTO, Conceição. *Azeqat Al Zakera*. Markaz al Thaqafi al Arabi: Beirute, 2020.

FEITOSA, Lilian P. W. *Brazilian Women Writers in English: translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado*. 2008. 511p. Dissertation (PhD. in Comparative Literature) – University of Massachusetts, Amherst, 2008.

GILL, Rosalind. Beyond the “Sexualization of Culture” Thesis: An Intersectional Analysis of “Sixpacks”, “Midriffs” and “Hot Lesbians” in Advertising. *Sexualities*. v.12, 2009, p.137-160.

GOMES, Maria Lúcia S. D. *Identidades Refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*. 2005. 166p.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2005.

HIRATA, Helena S. Gênero, Classe e Raça: Interseccionalidade e Consustancialidade das Relações Sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, 1 jun. 2014, p. 61-73.

KOFOED, Jette. Appropriate pupilness: social categories intersecting in school. *Childhood*, v.15, 2008, p. 415-430.

MIESCHER, Stephan F. Masculinities, intersectionality, and collaborative approaches. *Men and Masculinities*, v.11 n.2, 2008, p. 227-233.

OLIVEIRA, Ana Ximenes G. Conceição Evaristo e o cânone no Brasil. In: Aragão, M. S. S. (org.). *Anais do II Congresso Nacional de Literatura* (João Pessoa), 2014, p. 924–934.

OLIVEIRA, André. Os negros como protagonistas na literatura num país de maioria negra. *El País Brasil*, São Paulo, 8 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.editoramale.com/single-post/2019/04/08/Os-negros-como-protagonistas-na-literatura-num-pa%C3%ADs-de-maioria-negra>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez 2008, p. 263-274.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SARAMIN, Alessandra. “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo: a voz da mulher negra na corda bamba da tradução. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo; Mestrado em Língua e Literatura Estrangeiras, Università Ca’Foscari di Venezia, Veneza, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/10996>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SPIVAK, G. C. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT, B. et al (org.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997. p. 24-28.

VALENTE, Marcela Iochem; CARNEIRO, Teresa Dias. Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França. *Trabalhos em Linguística*

*Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 711-728, Aug.2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132017000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VALENTE, Marcela Iochem. *A tradução e a construção de imagens culturais*: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês. 2013. 163p. Tese (Doutorado em Letras / Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0101>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

## Vozes femininas negras

Este livro nasceu do desejo de discutir a (in)visibilidade da autoria feminina negra em sua relação com a atividade tradutória. Subjacente à argumentação dos artigos aqui contidos está o fato de que as produções teóricas e literárias de intelectuais e escritoras negras têm construído uma tradição epistemológica que se contrapõe à visão eurocêntrica e a ela resiste. Nesse sentido, é um conjunto de texto que, além de denunciar a opressão estrutural que sofrem as mulheres negras em sociedades patriarcais racistas, reivindica outros espaços e direitos, gerando representações mais adequadas e justas sobre o sujeito feminino negro. Nesse ato político de representar a si mesmas, essas vozes se tornam a autoridade de sua própria história. A tradução faz parte inegável desse processo, uma vez que define em grande parte quais vozes serão ouvidas, em que línguas e de que forma. Assim, o fazer tradutório se junta à produção de escritoras e intelectuais negras como instância de visibilidade, de crítica e, mais importante, de prática de resistência e inclusão.

